

Trabalho, maternidade e permanência no Ensino Superior

Ana Cecília Figueirêdo Leiteⁱ 

Universidade Federal do Cariri, Brejo Santo, CE, Brasil

Francione Charapa Alvesⁱⁱ 

Universidade Federal do Cariri, Brejo Santo, CE, Brasil

Resumo

Ao longo da história, as mulheres vêm travando batalhas para ter direito a uma educação igualitária e os avanços ocorrem mediante longas trajetórias de lutas. Atrelado às batalhas que o público feminino enfrenta, foram incluídas nesse estudo as dificuldades relatadas por estudantes que são mulheres e também trabalhadoras e/ou mães. Assim, este artigo objetiva refletir sobre os desafios que as discentes enfrentam para a sua permanência na universidade. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, com uso de um questionário com 24 estudantes da Universidade Federal do Cariri, no ano de 2021. Ao final desse estudo percebemos que os marcadores sociais comuns às estudantes determinam dificuldades semelhantes, impactando negativamente no bem-estar dessas mulheres na universidade, ao terem que lidar com a sobrecarga de atividades para permanecer estudando.

Palavras-chave: Mulheres. Trabalho. Maternidade. Permanência no Ensino Superior. Marcadores Sociais de diferença.

Work, motherhood and permanence in Higher Education

Abstract

Throughout history, women have been fighting battles for the right to an egalitarian education and advances have taken place through long trajectories of struggle. Linked to the battles that the female audience faces, the difficulties reported by students who are women and also workers and/or mothers were included in this study. Thus, this article aims to reflect on the challenges that students face for their permanence at the university. To this end, a qualitative research was carried out, using a questionnaire with 24 students from the Federal University of Cariri, in the year 2021. At the end of this study, we realized that social markers common to students determine similar difficulties, negatively impacting well-being of these women at the university, having to deal with the overload of activities to continue studying.

Keywords: Women. Job. Maternity. Permanence in Higher Education. Social Markers of difference.

1 Introdução

No decorrer da história, a educação das mulheres foi marcada por longos períodos de repressão, adequando-se aos padrões do patriarcado. Sendo assim,

muitas mulheres não tiveram acesso a uma educação de qualidade e livre das amarras sociais. Segundo Farias e Neta (2022, p.10) sobre a educação feminina católica no nordeste oitocentista:

É importante destacar que além das dificuldades do próprio sistema de ensino da época em abarcar toda a nação, havia empecilhos de ordem cultural que limitava as meninas de acessarem os estudos. Muitos pais não viam utilidade no processo de ampliação da cultura de suas filhas alguns, inclusive, achavam que era desperdício de dinheiro.

2

Os homens ditavam o tipo de conhecimento que suas esposas, filhas e netas deveriam receber e, mediante tais regras, davam as “permissões” que eram exigidas para que elas pudessem frequentar o meio acadêmico.

Os avanços e conquistas femininas que hoje presenciamos, por meio dos quais as mulheres têm liberdade e igualdade de direitos, decorreram de grandes lutas, apesar de ainda presenciarmos os estigmas do machismo que se perpetuou ao longo da história e ainda está presente na sociedade, sendo legitimado por homens, ou até mesmo por mulheres no decorrer das gerações. Essas marcas continuam sendo alimentadas desde a infância, quando pais e mães atribuem significados às brincadeiras e brinquedos das crianças havendo uma separação entre o que é idealizado para os meninos e para as meninas:

Em nossa sociedade já temos objetos definidos para ambos os sexos, com as crianças não seriam diferentes, é assim que a socialização machista, sexista e misógina imposta pelo sistema capitalista patriarcal determina o papel dos sexos. A menina brinca somente com brinquedos relacionados a tarefas domésticas, já o menino tem uma gama de possibilidades. Isso dá a entender que a menina depois que cresce só terá um futuro que é viver cuidando do lar, já o menino poderá ser livre para ser o que quiser (SILVA, JORGE, FERREIRA, 2020, p. 4).

Historicamente construiu-se um ideário de que as mulheres deveriam ficar responsáveis por tarefas domésticas e por exercer a maternidade, enquanto os homens deveriam se dedicar a guerra e ao trabalho braçal, tais características alicerçadas no machismo e na misoginia, reproduzem na sociedade contemporânea

a ideia de que as mulheres devem se restringir aos cuidados do lar enquanto os homens são livres para escolher como querem trabalhar, desta forma influenciando diretamente no acesso a serviços de educação e postos de trabalhos.

Atrelado a isso ainda há diversas demandas que são constantes e se referem aos múltiplos papéis que a mulher desempenha na sociedade que dificultam a sua trajetória acadêmica, devido ao acúmulo de funções.

3 Sendo assim, no atual contexto social brasileiro, as estudantes que ingressam nas universidades têm variados perfis: mães, trabalhadoras, donas de casa e/ou esposas. Considerando esses múltiplos marcadores sociais, é importante que haja uma reflexão sobre o que essas mulheres têm a dizer: que fatores afetam a sua permanência na universidade? Quais são as suas dificuldades?

Além de todas as questões já citadas, novos desafios foram sendo apresentados durante o período de pandemia¹ que nos encontramos. As pessoas tiveram que se adequar a uma rotina diferente, em que as jornadas de trabalho foram triplicadas, sobretudo para as mulheres.

Pensando nisso, realizamos essa pesquisa com o intuito de identificarmos as principais inquietações das estudantes de uma universidade pública do Cariri cearense, que são mães e/ou trabalhadoras, objetivando refletir especificamente sobre as dificuldades externas ao curso, que afetam a sua permanência na universidade, principalmente no que diz respeito às questões pessoais, como a maternidade, e profissionais, que envolvem trabalho e renda.

Considerando todas as questões já apontadas no atual contexto que vivemos, perceberemos a necessidade de ouvir os anseios do público feminino. Isto posto, este trabalho se torna ainda mais relevante por abordar investigações sobre as sobrecargas físicas e emocionais causadas pelo acúmulo de tarefas e responsabilidades atribuídas às mulheres, além de questões envolvendo os padrões socioculturais e como todos esses fatores têm influenciado na educação das mulheres universitárias.

¹ Em março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou pandemia causada pelo coronavírus (COVID-19).

2 Metodologia

4

O presente artigo é fruto de uma grande pesquisa intitulada *Interseccionalidade e acesso ao Ensino Superior: marcadores de diferença de estudantes do Instituto de Formação de Educadores, da Universidade Federal do Cariri*², na qual investiga os marcadores sociais de diferença dos discentes do Instituto de Formação de Educadores (IFE-UFCA). Trata de problemáticas presentes nas contradições da sociedade que se reproduzem na Universidade. Observamos que nas sociedades existem as diversidades e as desigualdades sociais. Algumas das distinções entre as pessoas são naturais como gênero, cor da pele, idade, altura, etc. Entretanto, há o que denominamos de desigualdades sociais que são produzidas a partir das relações sociais, econômicas, culturais que revelam as contradições e os conflitos de interesse entre indivíduos e grupos em relação a outros indivíduos e grupos que produzem as diferenças de classes que têm origem principalmente no sistema capitalista. Embora, esses conflitos iniciais provocados pelo capitalismo foram entre burgueses e proletários, atualmente, temos muitos outros presentes na sociedade como conflitos de gêneros.

Existem muitas situações de desigualdade e opressão, dentre as quais destacamos: de classe, de gênero, de geração, de raça/etnia, de orientação sexual. Essas situações contraditórias e desiguais refletem dentro da universidade quando presenciamos durante anos, por exemplo, o branqueamento dos estudantes do Ensino Superior, podemos citar também a ausência de pessoas com deficiência nas IES e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para continuar os seus estudos.

A questão norteadora deste grande projeto é: quais os marcadores sociais de diferença presentes no público estudantil do Instituto de Formação de Educadores? E objetiva: Compreender como as políticas têm considerado os marcadores sociais de diferença, observando a forma com que se fazem presentes no público estudantil da UFCA, especificamente do Instituto de Formação de Educadores.

² Projeto iniciado em 2020 e finalizará em 2023. Atualmente conta com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PRPI-UFCA).

Para a coleta de dados, especificamente para este artigo utilizamos um questionário eletrônico, previamente aplicado no período de maio a junho de 2021 na primeira versão do projeto de pesquisa que ainda está vigente este ano de 2022. Tal questionário continha quarenta questões, entretanto selecionamos quinze questões para identificar e traçar o perfil socioeconômico e as dificuldades enfrentadas para a permanência no Ensino Superior, sendo respondido por oitenta discentes, sendo trinta e três homens e quarenta e sete mulheres, dos seguintes cursos de licenciatura: Interdisciplinar em Ciências Naturais e Matemática, Pedagogia, Biologia, Química, Física e Matemática. Entretanto para este escrito, realizamos um recorte desse público, selecionando apenas as respostas das mulheres que se encaixam em algum dos seguintes perfis: mães e/ou trabalhadoras. Sendo assim, o público da nossa pesquisa foi de um total de vinte e quatro pessoas.

A trajetória metodológica desta pesquisa consiste na abordagem qualitativa (LAZZARIN, 2017, p.34) no que diz respeito à busca pela interpretação subjetiva, considerando os relatos das dificuldades enfrentadas pelas participantes.

Para analisar os dados coletados, optamos pela *análise de conteúdo*, método descrito por Bardin como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

Organizamos os dados de acordo com as seguintes etapas: (i) pré-análise, (ii) exploração do material e (iii) tratamento dos resultados, inferência e interpretação, conforme orienta Bardin (1977). E logo após, apresentamos os resultados e reflexões mais pertinentes, que deram origem a este artigo científico.

Iniciamos a primeira etapa organizando todas as respostas obtidas no questionário, e em seguida fizemos as leituras flutuantes para então, chegar às conclusões a partir do material tratado.

3 Desafios e sobrecargas: marcadores sociais de mulheres acadêmicas

Este tópico traz os resultados e discussões, no qual apresentamos a análise de conteúdo da pesquisa, divididos em duas seções que descrevem os dados coletados a partir do questionário aplicado.

3.1 Perfil socioeconômico: Quem são essas estudantes?

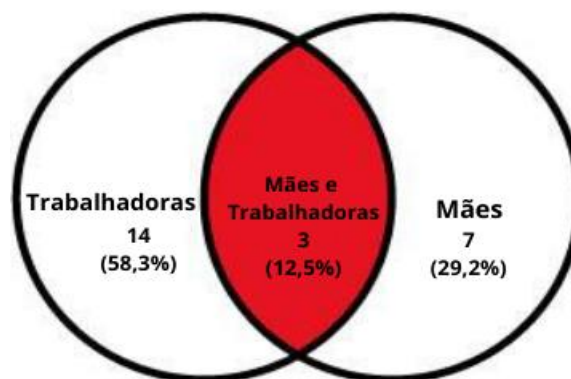
6

Em relação ao perfil das participantes da pesquisa, apresentamos alguns aspectos que consideramos importantes no que diz respeito à faixa etária, raça/cor e à quantidade de mulheres que trabalham e/ou são mães.

No que diz respeito à faixa etária, temos um público majoritariamente entre 20 e 30 anos (17 pessoas), as demais estão nas seguintes faixas etárias: entre 30 e 40 anos (3 pessoas), até 20 anos (2 pessoas), mais de 40 anos (2 pessoas). Já em relação à raça/cor das participantes, tivemos as seguintes respostas: 18 pessoas se declararam pardas, 4 pessoas brancas e 2 pretas. Em relação à raça, percebemos que a presença de negros na Universidade ainda é muito pequena. Santiago e Silva (2021) afirmam que a representatividade negra nos diversos espaços, na sociedade contemporânea, tem provocado mudanças.

Conforme apresentado no gráfico abaixo, quatorze mulheres são trabalhadoras, sete são mães e três apresentam os dois aspectos:

Gráfico 1 - Perfil das mulheres



Fonte: Produzido pelas autoras.

7

A partir dos dados coletados, podemos identificar que a quantidade de universitárias que somente trabalham é o dobro da quantidade de estudantes que são mães, e quando observamos o número de graduandas que são trabalhadoras e mães percebe-se que é ainda mais reduzido. 'Paternar' e 'maternar' são práticas que variam de uma cultura para outra e são entendidas de diversas maneiras na sociedade. Ambas significam cuidar com afeto, mas nas sociedades capitalistas só as mulheres costumam desenvolver tal habilidade (MONTAGNER; MONTAGNER, 2010, p.386).

O acúmulo de papéis dificulta a permanência das mulheres no meio acadêmico, principalmente quando envolvemos a maternidade. Segundo Gomes (2020, p. 22):

[...] a estrutura e a forma de organização da carreira acadêmica continuam a limitar a ascensão profissional das mulheres nesse contexto, especialmente quando estas são mães, implicando em um processo por vezes conflitante, de conciliação entre projetos distintos, porém, que não deveriam ser concorrentes: maternidade e uma carreira acadêmica-profissional.

Para as mulheres que trabalham, questionamos em quais áreas elas atuam e a quantidade de horas. As respostas incluíram diferentes áreas profissionais, apesar de estarem sendo formadas para a área docente, algumas encontram oportunidades de emprego em outros ramos. As respostas foram: 8 pessoas que trabalham na educação, 2 na área da saúde, 1 agente administrativa, 1 zeladora, 1 comerciante, 1 em escritório de advocacia, 1 na agricultura e 1 em serviços gerais. Com relação à carga horária, nove mulheres trabalham cerca de 4 a 7 horas por dia, as demais trabalham 8 horas diariamente (8 pessoas), mas também há quem trabalhe até 9 horas (1 pessoa).

Além disso, vale salientar que as mulheres “são precocemente levadas ao trabalho doméstico na sua residência ou em outras (de madrinhas, tias, conhecidos), como forma de garantir a própria manutenção ou contribuir com a manutenção da família”. (BASTOS; EITERER, P. 44).

Percebemos que as jornadas triplas fazem parte da realidade das mulheres, até mesmo daquelas que trabalham um turno por dia, ou seja, 4 horas, pois

precisam realizar também os afazeres domésticos e dar conta da sua carreira acadêmica. Conseguir conciliar as tarefas dessa rotina e desempenhar todas as funções bem, não é fácil e acaba gerando um desgaste físico e emocional que prejudica, inclusive, a saúde dessas estudantes. Segundo Ávila e Portes (2012, p. 815):

Para as mulheres que vivenciam essa realidade, a rotina diária é um corre-corre frenético para tentar dar conta de todos os segmentos de trabalho. Para grande parte das mulheres, a habilidade de separar e definir limites para os diferentes tempos/espços é um grande desafio. Conciliar os três segmentos de trabalho é uma fonte de estresse, ansiedade e pressão constantes. Isso as torna emocionalmente vulneráveis.

Outro aspecto observado acerca do perfil das participantes refere-se às questões de moradia. Os dados revelam que nove são da zona urbana e quinze da zona rural, ressaltando que consideramos como zona rural, pessoas oriundas dos sítios pertencentes ao município de Brejo Santo e de pequenas cidades do seu entorno. Essa questão foi escolhida, devido aos problemas de deslocamentos citados pelas próprias participantes no que diz respeito à falta de transporte escolar público e por isso necessitam pagar com recursos financeiros próprios para se deslocarem até a universidade, sendo assim este, um outro fator que acaba somando-se às dificuldades da permanência estudantil.

Além disso, para traçarmos o perfil econômico das discentes, contabilizamos os quantitativos acerca do grupo familiar e o valor salarial declarado no questionário. No que concerne ao grupo familiar, a maior parte das mulheres afirma que o quantitativo varia de 3 a 4 pessoas, sendo que uma das participantes mencionou ter 7 membros na família.

Ao considerarmos a renda total da família das participantes, oito pessoas afirmam que têm uma renda abaixo de 1 salário-mínimo; treze pessoas possuem renda familiar em torno de 1 a 2 salários; duas pessoas afirmaram ter renda entre 2 e 3 salários e uma pessoa entre 3 e 4 salários.

A partir das respostas da renda e do quantitativo de pessoas do grupo familiar, realizamos os cálculos que demonstram que a maior parte das mulheres

tem a renda per capita variando entre R\$275,00 a R\$550,00 e R\$366,66 a R\$733,33, conforme apresentamos no gráfico 2 a seguir:



Fonte: Produzido pelas autoras

Conforme observado há estudantes vivendo bem perto dos níveis de pobreza, que é de renda familiar mensal per capita entre R\$105,01 e R\$210,00, conforme estabelecido pelo Governo Federal³. Ponto a ser considerado, pois afeta diretamente na permanência no Ensino Superior, impondo significativas barreiras e limitando as condições de manutenção e êxito acadêmico.

3.2 Permanência no Ensino Superior: Como superar as dificuldades?

É importante identificar as dificuldades enfrentadas pelas discentes na Educação Superior para entender o que impulsiona a defasagem acadêmica? E o que poderia ser feito para garantir a conclusão dos cursos?

Como percebemos na seção anterior que descreve o perfil das participantes da pesquisa, muitos marcadores sociais apontam as desigualdades de oportunidades que estão atreladas ao gênero, moradia e as triplas jornadas que essas mulheres precisam assumir para estudar, cuidar da casa/família e ainda ter recursos financeiros.

³ Disponível no site: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/auxilio-brasil/#quem-direito>

Atrelada às questões envolvendo renda e as oportunidades de desenvolvimento acadêmico, as bolsas de estudos (Pesquisa, Extensão, Cultura e Ensino) contribuem para a ampliação e acesso às oportunidades de formação técnico-científica e são ofertadas pela Universidade Pública através das Pró-Reitorias da UFCA e em alguns casos há parcerias com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap), nos casos das bolsas de pesquisa. Essas bolsas contribuem para a permanência de estudantes no Ensino Superior, pois além de fomentar o desenvolvimento de projetos e ascensão profissional ao melhorar o currículo, fornecem ajuda de custo⁴ para os/as discentes envolvidos, apesar de não estarem diretamente atreladas aos Programas de Assistência Estudantil.

Isto posto, vale ressaltar a relevância dessas oportunidades na universidade pública justamente por ser um espaço que deve democratizar a educação, atendendo estudantes de poder aquisitivo baixo. Para garantir que todos tenham acesso aos projetos desenvolvidos, as bolsas se tornam, por muitas vezes, o maior incentivo para quem almeja ampliar o conhecimento, mas que não tem recursos financeiros para poder se dedicar aos estudos. Daí a importância da ampliação da quantidade de bolsas ofertadas nas instituições de Ensino Superior.

Nesta pesquisa verificamos que 14 estudantes (que equivale a cerca de 58% das participantes) mencionaram receber ou ter recebido o valor referente aos projetos. Vale ressaltar que das 7 mulheres que não trabalham, mas que são mães, 6 estão incluídas nesse quantitativo que já participou ou participa de projetos, sendo assim, nota-se que esse envolvimento auxilia tanto as discentes que ainda não estão no mercado de trabalho, como também complementa a renda das que já tem empregos, visto que a questão financeira foi um dos problemas mais recorrentes citados pelo público da pesquisa.

Na exploração do material, consideramos os aspectos descritos na seção anterior, pois apresentam direta relação com as falas das participantes. Conseguimos observar respostas que apresentavam temas em comum e partindo

⁴ Ajuda de custo no valor de R\$400,00.

dessa perspectiva, traçamos as unidades de análise, que são: categoria, unidade de registro e unidade de contexto.

A categoria foi determinada considerando as respostas subjetivas das participantes no que diz respeito às problemáticas e ficou definida como: Dificuldades para a permanência no Ensino Superior.

Considerando os aspectos da categoria, notamos que alguns problemas foram citados recorridas vezes, dessa forma, as unidades de registro enfatizam as principais adversidades, que são: Renda/Questões Financeiras; Transporte/ Locomoção; Trabalho/Profissão; Maternidade; Falta de tempo; e Questões pessoais.

Ao questionarmos: *Quais as maiores dificuldades que enfrenta para a sua permanência no Ensino Superior?* Tivemos, dentre outras falas, as seguintes respostas:

Ter que trabalhar e estudar ao mesmo tempo pra poder se manter, é muito cansativo (A2 - Trabalhadora).

Renda, problema de saúde, dona de casa e mãe de duas crianças pequenas (A26 - Mãe).

Trabalho, e a questão de horários e tempo para me dedicar aos estudos, o acesso também é complicado, por morar no município, trabalhar em outro e estudar em Brejo (A31 - Trabalhadora).

As maiores dificuldades são em relação ao tempo, renda financeira e locomoção, pois preciso conciliar casa, filho e os estudos, além disso, minha renda financeira não é suficiente para com meus gastos pessoais e da universidade, pois preciso pagar transporte para me locomover para a universidade e ademais, ainda tem outros gastos como a alimentação (A49 - Mãe).

Em relação ao tempo, por conta do trabalho, está muito corrido para eu conseguir acompanhar as aulas. (A56 - Trabalhadora)

Questões pessoais e profissionais afetam a minha permanência no curso (A60 - Mãe e trabalhadora).

Acompanhar as disciplinas ofertadas. Assimilar muito conteúdo. Concentração... (A78 - Trabalhadora).

Percebemos nas respostas das estudantes mães e/ou trabalhadoras que as jornadas duplas e triplas de trabalho, estudo, afazeres domésticos e cuidado com os filhos/as, consomem muito tempo e causam uma sobrecarga nessas mulheres. Considerando que o público da UFCA é diversificado e atende pessoas de diversas localidades, muitos estudantes de cidades circunvizinhas e sítios, precisam se deslocar e isso também é um fator presente nas falas das nossas participantes.

A Universidade Federal do Cariri que tem nota 4 (numa escala máxima até 5) no Conceito Institucional (CI) do MEC, possui 3.839 estudantes e está localizada na região sul do Ceará. Atualmente, soma-se 25 cursos de Graduação, sete cursos de Especialização (seis deles, Residência Médica), quatro cursos de Mestrado e um de Doutorado. É composta por 5 campi (Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Brejo Santo e Icó – este último atualmente desativado), o campus onde foi realizada a pesquisa em questão é o de Brejo Santo - Instituto de Formação de Educadores (IFE), criado em 2013. Os cursos de Licenciatura existentes neste campus são: Interdisciplinar em Ciências Naturais e Matemática; Química, Física, Matemática e Biologia. Em 2020, foi criado o curso de Licenciatura em Pedagogia.

É perceptível que os diversos marcadores sociais observados no perfil socioeconômico têm direta relação com os relatos das dificuldades enfrentadas e nos ajuda a ter uma melhor compreensão das dificuldades citadas, pois como identificamos, o nosso público apresenta aspectos como renda baixa, pessoas de zona rural e algumas com carga horária de trabalho que chega a completar dois turnos.

Esse acúmulo de funções determina inclusive o rendimento acadêmico, visto que o tempo é mais “corrido” como citado nas falas anteriores e isso inviabiliza que elas possam se dedicar com mais calma às atividades acadêmicas. Gomes (2020, p.43) levanta essa questão, especialmente se tratando de mães:

Conciliar a vida de mãe com a vida acadêmica em uma sociedade onde a responsabilidade sobre os filhos costuma recair sobre as mulheres é um desafio que transcende as questões acadêmicas. Existe uma cobrança da própria universidade por bons rendimentos acadêmicos e existe um peso do que é ser mãe, ancorado nas projeções e expectativas que a nossa sociedade lança sobre a maternidade.

Além das mães, as mulheres que têm trabalho remunerado e que realizam os trabalhos domésticos, apresentam relatos recorrentes da falta de tempo e esse fator é determinante para o bom desempenho acadêmico.

Ambas as rotinas são extremamente exaustivas e por isso elas enfrentam limitações, impedindo-as de terem momentos de lazer, por exemplo, visto que estão

imersas em diversos afazeres e trabalhos a todo momento, sendo assim a qualidade dos trabalhos não é a mesma, visto que não conseguem realizar todas as tarefas como gostariam e por vezes não conseguem cumprir tudo o que lhe é atribuído (ÁVILA, PORTES, 2012).

4 Considerações finais

Em meio a uma sociedade que ainda mantém padrões e estereótipos machistas e discriminatórios, o espaço acadêmico e a conclusão de um curso superior precisam ser garantias efetivas para as mulheres, pois é desta forma que podemos construir uma sociedade em que as mulheres possam ocupar melhores postos de trabalhos, terem valorização salarial e sua independência plena. No entanto, o processo formativo não é simples, e é composto por nuances que muitas vezes tornam mais difíceis as condições para prosseguimento nos estudos, haja vista que muitas mulheres ocupam muito seu tempo com afazeres domésticos, tarefas da maternidade, jornadas de trabalhos desgastantes e tudo isso diminui o tempo disponível para estudos e demais atividades acadêmicas.

Diante do exposto, é importante que as mulheres mães e trabalhadoras possam dispor de plenas condições para adentrar a universidade, permanecer nela e se formar. Políticas de assistência estudantil nesse viés são fundamentais, mas, o apoio da família e sociedade também é imprescindível, pois além de condições financeiras que forneçam suporte monetário, é também necessário desconstruir e dilacerar dogmas e dilemas machistas e misóginos. Vale lembrar também que há grande necessidade de políticas específicas para mulheres mães, tanto no que concerne à Educação Básica, para que consigam ingressar no ensino superior; quanto na Universidade, visando a sua permanência. Fazem-se necessárias a criação de creches, dentre outras formas de assistência.

Algumas iniciativas têm dado visibilidade às questões específicas das estudantes universitárias, como a lei que prevê a distribuição de absorventes a estudantes de baixa renda nas escolas de educação básica, experiência que vem sendo replicada em algumas Instituições de Ensino Superior, mas ainda há muito o que avançar, sobretudo, em relação às mulheres em situação de vulnerabilidade e

privadas de liberdade, às estudantes mães e trabalhadoras, dentre outras questões que necessitam atenção de toda a sociedade e do poder público.

Referências

ÁVILA, Rebeca Contrera e PORTES, Écio Antônio. A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2012, v. 20, n. 3. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000300011>. Acesso em: 13 jun. 2022.

BASTOS, L. C.; EITERER, C. L. Reconfiguração das relações de gênero e cotidiano das mulheres educandas da EJA. **Educ. Form.**, [S. l.], v. 2, n. 6, p. 42–53, 2017. DOI: 10.25053/edufor.v2i6.2138. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/158>. Acesso em: 15 out. 2022.

BARDIN, Lawrence. Análise de conteúdo. **Lisboa: edições**, v. 70, p. 225, 1977.

FARIAS, Genilson de Azevedo; MEDEIROS NETA, Olívia Moraes de. O Colégio de São José: a educação feminina católica no nordeste oitocentista. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 4, e47235, 2022.

GOMES, Lídia Laís Balbino. **Mulher, mãe e universitária: desafios e possibilidades de conciliar a maternidade à vida acadêmica**. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17638>. Acesso em: 07 jun. 2022.

LAZZARIN, Luís Fernando. **Bases epistemológicas da pesquisa em educação**. 2017. Disponível em: https://nte.ufsm.br/imagens/identidade_visual/Educao_Especial.pdf. Acesso em: 03 mar. 2022.

MONTAGNER, Maria Inez; MONTAGNER, Miguel Ângelo. Mulheres e trajetórias na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp: vozes singulares e imagens coletivas. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, vol.17, n.2, abr.-jun. 2010,p.379-397.

PEREIRA, Sandra de Oliveira Gomes, NUNES, Juraildes Barreira. **A presença das mulheres no Ensino Superior e o papel das políticas de permanência das universidades federais brasileiras**. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/23378/16097>. Acesso em: 16 jun. 2022.

SANTIAGO, KledynaMaria da Cunha; FREIRE, Silvia Helena de Sá Leitão Moraes; SILVA, Vitória Letícia Duarte da. Compreensões acerca das representações sociais e do racismo na contemporaneidade. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4,p. 1-10,2021.

Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6362>. Acesso em: 15 out. 2022.

SILVA, Pedro Ivo Rodrigues da; JORGE, Fabíola Alcântara; FERREIRA, Francisca Micaely do Nascimento. Meninas e meninos: brincar e suas relações de gênero.

Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 16, 2020. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4535/5172>.

Acesso em: 15 out. 2022.

ⁱ **Ana Cecília Figueirêdo Leite**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0430-8323>

Universidade Federal do Cariri; Instituto de Formação de Educadores; Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação.

Graduada em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais e Matemática e Graduada em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal do Cariri. Bolsista do projeto de pesquisa sobre interseccionalidade, acesso ao Ensino Superior e marcadores de diferença de estudantes.

Contribuição de autoria: Autora principal - escrita.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4576154016940266>.

E-mail: ana.leite@aluno.ufca.edu.br

ⁱⁱ **Francione Charapa Alves**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8405-8773>

Universidade Federal do Cariri - UFCA; Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri - PMPEDU/URCA.

Pós-doutora em Educação (UECE-2017). Doutora em Educação (UFC-2016). Doutorado Sanduíche (UL-Lisboa-2016). Professora Adjunta da Universidade Federal do Cariri. Professora do Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri.

Contribuição de autoria: Análise formal dos dados e escrita.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3924678282455249>.

E-mail: francione.alves@ufca.edu.br

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

LEITE, Ana Cecília Figueirêdo; ALVES, Francione Charapa. Trabalho, maternidade e permanência no Ensino Superior. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.